

NO ESTADIO DA MACHAVA AQUANDO DA VISITA DE KENNETH KAUNDA

"HERÓI É QUEM DEDICA A VIDA AO SERVIÇO DO POVO"

- Samora Machel

«O Camarada Vice-Presidente da FRELIMO deu-me aqui uma missão muito difícil. A tarefa que ele me dá não sei se a conseguirei cumprir; mas hei-de cumpri-la porque sou militante da FRELIMO e combatente também.

Quando se recebe uma tarefa das instâncias superiores a preocupação essencial e fundamental do militante é estudar como aplicar a tarefa, como a implementar. Para isso, faz primeiro o seu estudo, para melhor realizar essa tarefa. Mas para a realizar bem, é preciso assumir a importância dessa tarefa; compreender a sua importância, assumir a responsabilidade e o valor dessa tarefa. Sobretudo quando é uma tarefa como esta, de apresentar uma figura que ainda vive. Costuma dizer-se que os heróis são os mortos. Mas a nossa luta mostrou que os heróis estão entre nós, os monumentos estão entre nós. E hoje estamos entre monumentos.

Alguns dizem que fulano é herói porque foi atingido pela bala do inimigo. Eu perguntaria quantos gatunos, quantos bandidos não foram abatidos pelos gatunos? Estavam ao serviço de quem? Podem dizer-me a tarefa de um ladrão? É para beneficiar a sociedade ou é para provocar distúrbios e o caos no seio da sociedade?

Portanto, o herói não é aquele que morre. O herói é aquele que na vida não cai; é aquele que na vida não vacila; é aquele que na vida dedica toda ao serviço do povo, pela transformação da sociedade. É a esse que nós prestamos a grande homenagem. Vivo ou morto nós prestamos homenagem a esse homem. A vida que leva, é um exemplo e serve de modelo. Entre nós aqui, há bons e maus. E se os maus forem atingidos, durante as suas maldades, por uma bala, diríamos que são heróis?

Hoje temos aqui uma figura africana; a figura de um combatente pela libertação do continente africano; pela libertação dos povos de África; pelo estabelecimento da paz; pelo estabelecimento da equidade entre os homens de todas as cores e de todas as raças. Transpiro porque é difícil falar de um homem muito importante. E por isso que eu disse que a tarefa era muito difícil.

CONTRA A VONTADE DO IMPERIALISMO A ZÂMBIA APOIOU MOÇAMBIQUE

Qual a razão da nossa reunião? Primeiro, nós estamos aqui para saudar a UNIP, para saudar o povo da Zâmbia, para saudar e agradecer o apoio e a solidariedade do Povo zambiano. Estamos aqui para saudar e dizer ao presidente Kenneth Kaunda, que criou a UNIP, o Partido que uniu o povo da Zâmbia e o transformou numa força invencível, que derrubou o colonialismo britânico na Rodésia do Norte, e fez nascer a Zâmbia, fez nascer uma Nação que não existia, fez nascer uma terra que não existia, pois existia a Rodésia do Norte; mas hoje existe a Zâmbia.

Sabemos todos que existia a Rodésia do Norte, existia a Rodésia do Sul — actualmente a Rodésia de Ian Smith. Rodésia vem do nome do senhor Rhodes, que foi um inglês colonialista que tomou a terra e lhe deu o seu nome. Esqueceu a vontade do povo; esqueceu o desejo mais profundo do povo, as aspirações do povo que queria a liberdade para criar a Zâmbia.

E nós estamos aqui para agradecer esse apoio consequente que a Zâmbia nos deu. Zâmbia guiada pela UNIP. O apoio que nos deram foi um apoio decisivo, porque foi um apoio incondicional. Sabemos muito bem que, por causa do apoio da Zâmbia à luta de Moçambique e por causa das relações existentes entre a UNIP e a FRELIMO, se gerou no seio do imperialismo uma reacção agressiva, uma reacção criminoso contra a Zâmbia, contra o povo da Zâmbia, contra a UNIP e contra a pessoa do presidente Kenneth Kaunda.

Dessas tentativas do imperialismo, da subversão externa e interna, foi vítima, diversas vezes, a República da Zâmbia. Vítima de agressões, agressões imperialistas. Na tentativa de subverter o regime do presidente Kenneth Kaunda um regime progressista um regime dirigido pela UNIP.

Houve muitas tentativas de liquidação física dos dirigentes, tentativas dirigidas contra o Presidente Kenneth Kaunda para retirar o apoio a FRELIMO, para obrigar o povo da

Zâmbia a retirar o apoio que dava à luta de libertação de Moçambique, para continuarmos submetidos ao colonialismo, à escravatura, à humilhação e à discriminação racial. E essas tentativas destinavam-se a colocar, na Zâmbia, um regime reaccionário, um regime anti-popular, um regime contra a vontade do povo, um regime que servia os interesses dos estrangeiros e não os interesses dos zambianos.

E assim, as subversões internas, as tentativas, de bombas que explodiam várias vezes, incluindo no próprio palácio do presidente Kaunda. Essas subversões internas estavam combinadas com as agressões externas contra o povo, no intuito de destruir a vontade do povo da Zâmbia para liquidar o progresso da liberdade, para impedir a libertação da África Austral, e, particularmente, a independência de Moçambique porque era um ponto estratégico, devido ao seu lugar geográfico. Assim, sabiam o que seria depois.

Várias vezes a Zâmbia foi agredida pelos colonialistas portugueses. Por diversas vezes os colonialistas portugueses raptaram cidadãos zambianos, e assassinaram cidadãos zambianos, para intimidar a UNIP, para obrigar a UNIP a retirar o seu apoio à justa luta do povo de Moçambique.

Mas a atitude firme e corajosa do Presidente Kaunda liquidou todas essas tentativas, todas essas manobras dos colonialistas, todas essas tentativas dos imperialistas de quererem bloquear a Zâmbia e de impedir a Zâmbia de dar apoio à luta de Moçambique. Essas tentativas foram motivadas pelo apoio incondicional, pelo apoio consequente, pelo apoio firme que a UNIP, a Zâmbia, o povo e o presidente Kaunda deram à luta de Moçambique. E esse apoio firme, esse apoio incondicional, permitiu o avanço da luta em Moçambique; permitiu que a nossa luta progredisse cada vez mais.

E assim que nós vimos a província de Tete transformar-se numa ponte para transportar a luta para o resto de Moçambique. E assim que nós assistimos ao desencadeamento da luta armada, na província de Sofala. E assim que nós assistimos à extensão da luta para

a província de Moçimboa. Assim que nós assistimos a libertação da Zâmbia, a província de Zâmbia, foi o modelo de liberdade e a coragem da Zâmbia, foi a vontade do povo da Zâmbia, que libertou a Zâmbia.

É isso que nos dá a liberdade. Assim que nós assistimos a libertação da Zâmbia, a província de Zâmbia, foi o modelo de liberdade e a coragem da Zâmbia, foi a vontade do povo da Zâmbia, que libertou a Zâmbia.

Assim que nós assistimos a libertação da Zâmbia, a província de Zâmbia, foi o modelo de liberdade e a coragem da Zâmbia, foi a vontade do povo da Zâmbia, que libertou a Zâmbia.

O apoio da Zâmbia não foi por causa da luta, é porque a Zâmbia preza a liberdade. O apoio da Zâmbia não foi somente no período da luta. O apoio da Zâmbia continua até hoje. Agora estamos a reconstruir o nosso País. Por causa das inundações que vitimaram as populações de Sofala e das províncias de Tete e da Zâmbia, assim como as de Cabo Delgado, quando do ciclone, a Zâmbia enviou imediatamente helicópteros para salvamento das populações cercadas pelas águas. Quando fomos vítimas das cheias, a Zâmbia ofereceu ao povo de Moçambique 100 mil sacos de milho. E assim vai ajudar, também o povo de Maputo a diminuir as cheias.

E porque é que a Zâmbia assume esta posição? Porque a Zâmbia é um país anti-imperialista; é um país que está contra a exploração do Homem pelo Homem; é um país que luta contra o capitalismo; é um país que luta para que se estabeleça o poder popular, defende os interesses das largas massas. Para a UNIP a sua tarefa essencial é a de organizar o povo, é de dar consciência ao povo para poder conhecer a luta de classes.

E nós observamos, em Janeiro de 1973, que a Zâmbia cortou a ligação com a Rodovia do Sul, colónia britânica, propriedade privada do senhor Ian Smith. E isso nos

dá a atitude corajosa da Zâmbia, a firmeza política e a firmeza dos seus princípios.

Este era o primeiro ponto que eu queria dizer, ao apresentar a razão da nossa presença aqui.

A POLÍTICA E O ALIMENTO DA NOSSA CONSCIÊNCIA

A segunda razão da nossa vinda, é dizer como vivemos.

Vivemos de modo diferente dos animais. Somos homens; somos pessoas e possuímos as nossas capacidades que sabemos utilizar.

Por isso temos aqui para estudar a política. Nós consideramos a política como o nosso alimento; o alimento do nosso cérebro; o alimento da nossa consciência; o alimento que nos faz descobrir o que somos. A política é o estímulo da nossa consciência, é o estímulo dos nossos sentimentos. Onde há política vemos o povo a produzir de maneira organizada; vemos o povo a discutir de maneira ordenada e organizada; vemos o povo sempre preocupado em realizar tarefas; vemos o povo sempre preocupado em desempenhar tarefas essenciais.

Onde há política não há boatos, nem intrigas, nem divisão, nem divergências, porque se está mais interessado em assumir os objectivos essenciais do Povo. E quando estamos organizados, compreendemos as nossas responsabilidades, as nossas tarefas. Quando estamos organizados, conhecemos as nossas dificuldades, os nossos problemas e sabemos como resolvê-los.

Mas, para resolver os nossos problemas, é necessário estabelecermos um combate. Otim, o combate era armado contra o inimigo físico — tratava-se da destruição física do inimigo. Como na Zâmbia, na Tanzânia, em Angola, no Congo, em todo o continente, preocupávamo-nos, numa primeira fase, com a destruição física do inimigo, para libertar os nossos países.

Hoje, o nosso combate situa-se a um outro nível. É um combate pela criação da nova mentalidade. É um combate para a valorização da nossa cultura; para a conquista e a valorização da nossa personalidade. É um combate para estabelecermos a paz e igualdade entre nós todos.

Por isso dizemos que onde há política, o povo está organizado. Onde há política, o povo tem programa. Onde há

política, há distribuição de tarefas. Quando não há política, há boatos, intrigas.

Ao contrário onde há política, existe amor entre os homens e conhecemos a solidariedade internacional, a solidariedade dos outros povos. E quando estamos organizados canalizamos melhor a nossa solidariedade para com os outros povos.

Foi por isso que a Zâmbia soube canalizar a sua ajuda para Moçambique; porque está organizada. Foi a política que transformou o nosso sonho secular numa realidade palpável. Onde não há política significa que as cabeças estão vazias e quanto mais vazias forem, mais boatos produzem, mais intrigas fabricam. Nós diremos que a cabeça vazia é como tambores vazios que, quanto mais ocos forem, mais barulho produzem.

Por isso há diferença; há uma diferença grande entre nós e os animais selvagens, porque os animais não têm estas qualidades que nós enumeramos. Os animais não têm tarefas, não têm programas, não estão organizados por isso devemos ser muito diferentes dos animais.

Foi por isso que a Zâmbia soube canalizar o apoio que nos deu e é por isso que a Zâmbia continua a prestar ajuda à luta de Moçambique.

Onde não há política, nasce, cresce, desenvolve-se a preguiça. E o que é que a preguiça gera? A preguiça gera o crime, o roubo; o banditismo, o alcoolismo. A preguiça produz prostitutas. As prostitutas não têm machambas. Assim, é importante combater isto para sermos diferentes dos animais. Então diremos que a preguiça é a triste conselheira da Humanidade, é a produtora de todos os tipos de vícios — desenvolve o capitalismo, e o capitalismo é o irmão gêmeo do crime.

Por isso nós devemos combater em Moçambique, como faz a Zâmbia. Nós viemos para ouvir o presidente Kaunda, para saber como o povo da Zâmbia se organizou, para uma luta de resistência.

Mas para isso foi preciso engajar-se na luta de libertação, na luta política. Primeiro a luta política, para haver a luta de libertação. A política, a luta de libertação e o gerador da vida organizada. E o gerador do amor. O amor que nós temos pelo povo da Zâmbia é produto da política; é o produto da luta de libertação. Libertamo-nos dos complexos;

libertámo-nos do ódio criado durante tantos séculos; desligamo-nos a separação entre nós.

Em Moçambique havia opressão, e onde há opressão há revolta; há desrezo entre os homens; há discriminação — portanto, capitalismo. O capitalismo é o responsável destes crimes. O capitalismo é combatido na Zâmbia, porque é um crime contra a Humanidade; a vida e o povo. Por isso nós convidamos o nosso irmão, presidente Kenneth Kaunda e saluamos a sua experiência; a experiência do povo da Zâmbia adquirida durante a sua luta de resistência; a sua vitória; a sua reconstrução nacional. Mas reestarmos de afirmar que o que nos vai dizer o nosso irmão presidente Kaunda, não é um conhecimento livreiro, é um conhecimento comum.

OFERTAS A KAUNDA

Entretanto, imediatamente após as palavras do Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique e antes da intervenção do dirigente máximo da Zâmbia foram entregues a Kenneth Kaunda algumas ofertas cujo significado o Vice-Presidente da Frente de Libertação de Moçambique salientou, dizendo a dado passo:

«Neste momento, o nosso povo, através do seu dirigente máximo e também directamente, deseja que a sua visita, assim como a de «amama» Kaunda e a de todos os outros membros da sua delegação, fique marcada não só por esta consolidação da nossa vontade política de estarmos juntos e de lutarmos juntos, mas também de uma forma, talvez mais simples, talvez mais íntima mas, de toda a maneira, sempre embebida de um profundo sentimento de amizade.

«É por isso, camarada presidente, que o seu homólogo achou dever dar-lhe alguns presentes, qualquer coisa que fique como uma lembrança mais pessoal.

A CIÊNCIA NAS MÃOS DOS TRABALHADORES É UMA ARMA FUNDAMENTAL

Após as palavras do dirigente máximo da UNIP e da República da Zâmbia, o Presidente Samora Machel retomou a palavra para sublinhar a importância das palavras daquele visitante no processo revolucionário em curso no nosso País.

Queremos aqui agradecer ao Presidente Kaunda pela sua visita e queremos interpretar esta visita como mais um passo decisivo para o reforço da nossa unidade, unidade forjada nas horas difíceis, unidade forjada na luta contra o colonialismo, unidade que, hoje, se manifesta através da luta comum pela emancipação dos nossos Povos.

E queremos agradecer porque é, mais uma vez, um reforço, um passo decisivo das relações entre o Povo da Zâmbia e a República Popular de Moçambique, entre a UNIP e a FRELIMO.

Mais uma vez queremos agradecer a sua intervenção que permitiu que o nosso Povo visse a maneira como, hoje, o inimigo age para nos dividir. Quer-nos dividir para, de novo, nos subjugar e só podemos rechear esta actual avanço do imperialismo e do colonialismo, este avanço actual das forças reacconárias consolidando mais uma vez a nossa unidade militante, a nossa unidade revolucionária. Só as podemos rechear unindo-nos cada vez mais.

Consolidando a nossa franqueza e combinando a nossa visão geral da estratégia global da África para vermos como é que avança o imperialismo e quais devem ser as nossas tarefas actuais. Criaremos assim as barreiras intransponíveis contra o imperialismo. Uniremos os nossos países ao resto dos povos que prezam a liberdade, os povos que amam a paz. Aos povos que lutam permanentemente pela recuperação dos seus recursos naturais, aos povos que desenvolvem constantemente a sua cultura, aos povos que estão constantemente ligados ao progresso social.

Forneceremos desta maneira a arma fundamental à classe trabalhadora, que é a ciência. Uma vez a ciência nas mãos dos trabalhadores, nas mãos do Povo estaremos em condições de desenvolver progressivamente os nossos países. Uma vez mais sublinhou aqui a necessidade da política combinada com a unidade e a unidade combinada com a disciplina. Foi elevar a unidade a uma fase superior que é a fase revolucionária, é a unidade ideológica, é a unidade política. Só utilizando a política como critério para formação do homem, então estaremos em condições de ser o que queremos, ser de uma maneira revolucionária de uma maneira popular e assim merecemos e teremos lutar no mundo e colocaremos os nossos

países como países progressistas. Mas é preciso uma vacinação periódica no novo seio, eliminação periódica dos agentes subversivos e eliminação constante dos elementos que representam as forças do mal eliminando constantemente as forças reacconárias que são escravas aos estrangeiros.

LIBERTEMOS OS POVOS DA DEPENDENCIA CAPITALISTA

Temos que libertar os povos da dependência capitalista e para isso, todo agente que é agente do inimigo por convicção ou por ignorância está colocado em frente do cano das armas. E as nossas armas estão nas mãos do Povo (palmas) será denunciado, será neutralizado será liquidado e destruído porque a força do Povo é uma força que representa um ciclone. A força do Povo é um vendaval.

É dentro desta convicção e certeza que o Povo da Zâmbia e de Moçambique apoiam resolutamente a luta dos Povos oprimidos e é dentro desta perspectiva e desta convicção que a Zâmbia e Moçambique apoiam sem reservas a luta do Povo do Zimbabwe.

E por isso que nós avisamos que Ian Smith está cavando a sua própria cova e nós só teremos a tarefa de fechar a cova que ele abriu.

Queremos agradecer a disciplina manifestada pela população do Maputo desde o aeroporto, nas estradas por onde passou o nosso querido amigo presidente Kaunda e esta disciplina manifesta-se mais uma vez neste estádio da Machava.

Isto dá confiança ao nosso irmão Kaunda e a UNIP, de que o Povo de Moçambique, organizado dirigido pela FRELIMO, vencerá todos os obstáculos. Mostra que um Povo organizado é uma força invencível, é uma força indestrutível porque é o Povo consciente da sua própria força. Por isso dizemos que o Povo organizado (cancão)

E pensamos que Maputo será Maputo não será mais Lourenço Marques, porque esta nas mãos do Povo é o Povo vai eliminar os mais elementos os chamados maus géios. A característica da cidade do Maputo será a limpeza, higiene e ordem. Não será mais uma cidade de distúrbios. Os distúrbios acabaram com o colonialismo.

(De: "Notícias", Maputo, 1976-04-23)